

A LÍNGUA PORTUGUESA NO ÂMBITO UNIVERSITÁRIO TIMORENSE: UM CASO PARA SE (RE)PENSAR

THE PORTUGUESE LANGUAGE IN THE TIMORENSE UNIVERSITY SCOPE: A CASE FOR (RE)THINKING

Leiliane Rezende da Silva Silveira ¹
Thiago Soares de Oliveira ²

Resumo: Este trabalho objetiva compreender como o ensino de língua portuguesa no contexto universitário contribui para a formação identitária dos estudantes timorenses, considerando que Timor-Leste integra a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Para isso, parte-se do pressuposto que há defasagens no ensino do português na educação superior em decorrência das lacunas deixadas no ensino secundário. Desse modo, a inserção do português no nível da graduação teria a pretensão de promover a proficiência dos nativos em relação ao idioma. Diante disso, adota-se a pesquisa bibliográfica, visando dar conta do objetivo proposto. Ao fim, conclui-se que a língua portuguesa em âmbito universitário pode colaborar para a formação identitária dos estudantes timorenses por remeter à trajetória histórica do país e, por se apresentar aos nativos de forma passiva, sendo uma língua de prestígio no território em razão da sua utilização em documentos oficiais e da manutenção do seu caráter de oficialidade.

Palavras-chave: Política Linguística. Língua Portuguesa. Identidade. Ensino Superior. Timor-Leste.

Abstract: This work aims to understand how the teaching of Portuguese in the university context contributes to the identity formation of Timorese students, considering that Timor-Leste is part of the Community of Portuguese Speaking Countries (CPLP). For this, it is assumed that there are gaps in the teaching of Portuguese in higher education as a result of the gaps left in secondary education. In this way, the inclusion of Portuguese at the undergraduate level would have the intention of promoting the natives' proficiency in relation to the language. In view of this, a bibliographic research is adopted, in order to achieve the proposed objective. In the end, it is concluded that the Portuguese language at the university level can contribute to the identity formation of Timorese students by referring to the historical trajectory of the country and, for presenting itself to the natives in a passive way, being a language of prestige in the territory due to its use in official documents and the maintenance of its official character.

Keywords: Language policy. Portuguese language. Identity. University education. East Timor.

-
- 1** Graduanda em Letras (Português e Literaturas) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense Campus Campos Centro (IFFluminense). Bolsista de iniciação científica dessa mesma instituição. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7166433943386896>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0698-3226>. E-mail: leilianerezende96@gmail.com.
 - 2** Doutor em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), com estágio de pós-doutoramento pela Universidade da Beira Interior (UBI). Professor da Licenciatura em Letras (Português e Literaturas) do Instituto Federal Fluminense (IFFluminense), bem como do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional. Pesquisador vinculado ao Núcleo de Estudos Culturais, Estéticos e de Linguagens (NECEL). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9517999630235808>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3078-0058>. E-mail: so.thiago@hotmail.com.

Introdução

A língua portuguesa é pluricêntrica e, por ser mutável, faz-se presente em inúmeros países¹, apresentando nuances diversificadas, como é o caso de Timor-Leste, ocupando o posto de língua oficial², ao lado do tétum, e marcando relevância linguística no país. Como o processo de inserção do idioma ocorreu de forma gradativa nas terras timorenses, o assunto ainda é alvo de questionamentos sobre o ensino do português no cenário universitário, mesmo após vinte anos de oficialização do idioma no território, por meio da Constituição da República Democrática de Timor-Leste (2002).

Após a Restauração da Independência de Timor, em 2002, o país torna-se membro da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), passando, dessa forma, a integrar a Comunidade Lusófona e, conseqüentemente, receber apoio dos demais países-membros³. Partindo disso, buscam-se subsídios para responder à seguinte questão-problema: Como o ensino de língua portuguesa em âmbito universitário pode colaborar para a construção identitária dos estudantes timorenses, considerando que Timor integra a Comunidade Lusófona? A hipótese é que há defasagens no ensino de língua portuguesa de nível superior devido a lacunas deixadas pelo ensino secundário. Com isso, a inserção do ensino do português na universidade teria a pretensão de promover a proficiência dos indivíduos em relação ao idioma.

Considerando que a fonte donde os dados são retirados define a metodologia a ser empregada e levando em consideração o objetivo de compreender como o ensino de língua portuguesa no cenário universitário contribui para a formação identitária dos estudantes timorenses, adota-se como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, que trata do “levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 42-43). Nesse sentido, este trabalho se ancora em materiais já elaborados, no intuito de colocar “o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 43), com o auxílio da técnica do fichamento, visando a encontrar respostas para a questão-problema.

Por fim, fica o registro de que as contribuições no que tange ao estudo da língua portuguesa no território timorense podem ser deixadas a partir de ópticas, visões e teorias distintas, motivo pelo qual o assunto não se esgota na perspectiva apresentada. A intenção é que a língua em Timor-Leste não seja entendida como uma unidade isolada, mas como uma ramificação da pluricentralidade do português.

Breve apontamento sobre o ensino de língua portuguesa no cenário universitário timorense

De um lado, as águas do Oceano Índico; do outro, o Mar das Molucas; entre elas, uma pequena ilha no continente asiático, assemelhando-se ao formato de um crocodilo. Timor-Leste, um dos países mais novos do mundo, conquistou sua independência unilateral em 1975 e restaurou-a em 20 de maio de 2002. O país possui uma população de aproximadamente 1.280.743 habitantes (TIMOR-LESTE, 2019). Também é conhecido, desde o seu desbravar, como a terra do sândalo e das especiarias, além de possuir uma diversidade linguística, tornando-o um depósito de línguas⁴. Eis o Mapa 1, que representa Timor em relação a alguns dos países com o quais compartilha fronteira marítima:

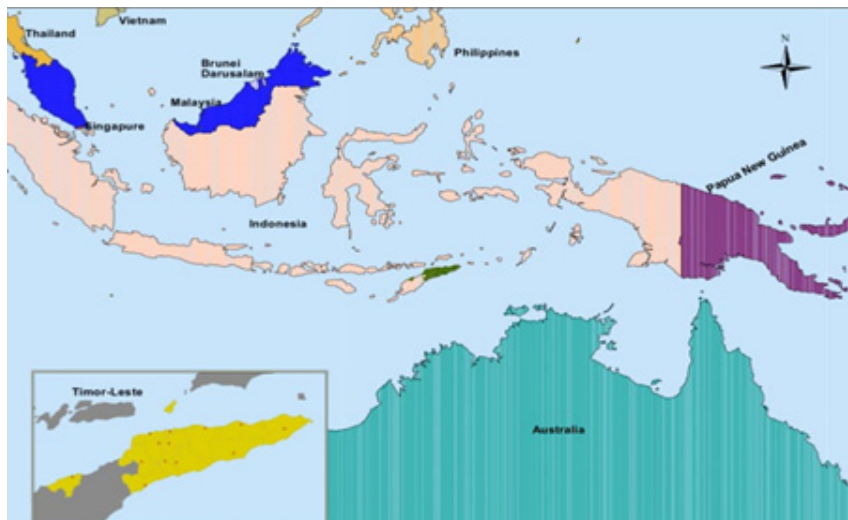
1 Como é o caso da Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Portugal, Moçambique, São Tomé e Príncipe, além de Timor-Leste.

2 De acordo com a Constituição da República Democrática de Timor-Leste (2002).

3 Como é o caso do Brasil e de Portugal.

4 Por várias línguas partilharem o mesmo espaço, entre elas as línguas oficiais (língua portuguesa e tétum) e as de trabalho (inglês e língua indonésia), além de uma variedade de línguas locais.

Mapa 1. Timor-Leste e sua representação no mundo



Fonte: Censo (2019) *apud* Direção Geral de Estatística /General Directorate of Statistics. Disponível em: <https://www.statistics.gov.tl/wp-content/uploads/2021/05/Timor-Leste-In-Number-2019.pdf%20>. Acesso em: 21 jun. 2022.

O Mapa 1 demonstra que, por se tratar de uma ilha, Timor não divide fronteira terrestre com outros países, exceto a Indonésia, que compartilha a parte oeste do território. Além do mais, Timor mantém relações comerciais com a Indonésia em razão da proximidade territorial. Com isso, apesar da extensão⁵ territorial de apenas 14.954.44 km² (TIMOR-LESTE, 2019), o território timorense apresenta riqueza cultural e uma variedade linguística “bastante complexa devido à diversidade de línguas nativas, com pelo menos 16 línguas diferentes e diversos dialetos” (LAMIM-GUEDES, 2020, p. 78), o que significa que a escolha da língua portuguesa como oficial, ao lado do tétum, implica a relevância do idioma lusitano no país. Assim, é imprescindível entender sobre o ensino de língua portuguesa no cenário universitário timorense.

A princípio, pontua-se que a presença da língua portuguesa nas terras timorenses é uma marca não apenas de natureza linguística, como também identitária, até porque língua e identidade são elementos que se constituem em conjunto. Nesse sentido, aprender o português em Timor-Leste traduz um papel de relevância fora do território português, o que significa que “a língua portuguesa não é dos portugueses, mas sim, dos países de língua portuguesa” (PAULINO, 2011, p. 85). Assim, “no caso de Timor a adoção do ‘português’ como língua oficial faz parte, juntamente com o ‘tétum’ e outras línguas locais como elementos indispensáveis da Identidade Nacional de Timor-Leste” (PAULINO, 2011, p. 80), mesmo tendo o país vivenciado, entre os anos 1975 e 1999, um período de opressão por parte dos povos indonésios, que queriam impor seu idioma e proibir o uso da língua portuguesa.

Fearon (1999) defende que a identidade nacional é um fator que representa a continuação de um determinado povo. Nesse sentido, as “identidades” são relativas a depender de cada comunidade, podendo apresentar características divergentes. No caso de Timor-Leste, a presença da língua portuguesa ajuda a compor as características da identidade nacional do povo, o que não significa, entretanto, que o país tenha os mesmos costumes e hábitos dos demais membros da Comunidade Lusófona apenas por partilharem um idioma comum. Assim,

O modo como os grupos nacionais representam a sua história é fundamental na definição da sua própria identidade. A construção da história de cada nação é sempre um processo comparativo, já que a história de cada grupo nacional depende das relações estabelecidas com outros grupos. A

⁵ Quando comparado a outros países.

forma como cada grupo interpreta o seu passado, determina o seu posicionamento no presente e as suas estratégias para o futuro. Essas estratégias definem não só as relações dentro do grupo como as relações com os outros grupos, numa dinâmica onde, conforme o momento histórico, pode prevalecer a estabilidade ou a mudança, a resistência ou a adaptação, a preservação das fronteiras ou a sua diluição (CABECINHAS; LIMA; CHAVES, 2006, p. 2).

No caso específico de Timor-Leste, o país encontrou o apoio dos membros da CPLP para que pudesse manter viva a memória da língua portuguesa no país⁶, preservando um elemento identitário para os nativos timorenses. Mesmo diante de um passado obscuro, o português manteve-se firme no território e, em dias atuais, é objeto de pesquisas, não somente no que tange à língua portuguesa no cenário universitário, mas de forma ampla, averiguando a situação do português para com aqueles que também não tiveram a oportunidade de realizar um curso superior. No entanto, antes de entender sobre como funciona a língua portuguesa em âmbito universitário, é necessário compreender seu percurso no ensino secundário.

Nesse sentido, vale lembrar que a língua portuguesa se manteve adormecida no país por um período de 24 anos, a iniciar em 1975. Porém, o silenciamento do português pelos indonésios, ocorreu de forma parcial, porque os conhecedores do idioma mantiveram a comunicação entre si em língua portuguesa. De acordo com Ferreira (2021), nesse período, enquanto as escolas utilizavam a língua indonésia como tentativa de dominação, o Externato de São José (ESJ) manteve o ensino em língua portuguesa, mesmo diante dos embates que ocorreram durante esses 24 anos de opressão. “A escola só se manteve aberta entre 1977 e 1992 por pertencer à Igreja e cair na superintendência do Vaticano, o que impediu as autoridades indonésias de encerrá-la mais cedo” (FERREIRA, 2021, p. 4).

Com o fechamento da instituição, ocorreu, por consequência, ainda durante o domínio indonésio, uma diminuição na formação de indivíduos que manejavam o idioma lusitano em Timor, tendo em vista que a língua portuguesa, não sendo a língua materna do povo, deixou de ser utilizada nas escolas. Desse modo, ser um falante fluente do português era uma possibilidade remota diante da realidade linguística multifacetada de Timor-Leste e da defasagem no ensino do idioma no seio educacional secundário, que consequentemente afetava todas as áreas do país. Com isso,

Os atuais professores do ensino básico e secundário foram recrutados tendo como um dos requisitos principais o conhecimento da língua portuguesa, quando o governo transitório começou a implementar a língua portuguesa como língua intermediária. Outros professores do ensino secundário são estudantes da Universitas Timor Timur (UNTIM) que iniciaram o estabelecimento massivo do ensino secundário após a ocupação da Indonésia, entre os anos de 2000 e 2001. Eles foram recrutados pelo United Nations Transitional Administration (UNTAET) e East Timor Transitional Administration (ETTA), em razão de seu comprometimento, mesmo sem formação pedagógica anterior (SILVA, 2015, p. 128).

Como se percebe, o recrutamento de docentes se deu com base na proficiência em português, e não na formação pedagógica para atuar com os ensinamentos “básico e secundário” (SILVA, 2015), isso porque, durante o domínio indonésio, tal idioma era proibido, sendo utilizado como língua de resistência pelos habitantes da ilha. Por conta da forte atuação durante a ditadura iniciada em 1975, é inteligível que os estudantes da UNTIM tenham se firmado como docentes do secundário após a independência de Timor. Apesar disso, segundo Soares (2011, p. 98), “no pré-secundário e no secundário, os docentes ministram as suas aulas, fundamentalmente, em bahasa (malaio indonésio), pela falta de proficiência em português”, por muitos considerarem a língua portuguesa complexa e difícil.

⁶ Como pioneiros, tem-se Brasil e Portugal.

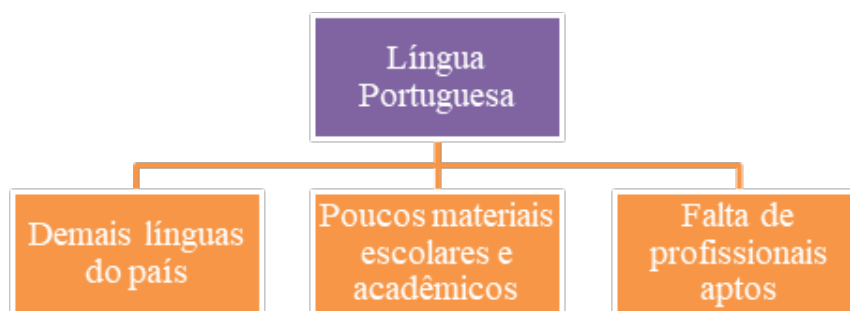
Esse entendimento é justificável porque a língua portuguesa manteve-se como silenciada entre 1975 e 1999 em Timor-Leste, ainda que uma pequena parcela dos conhecedores do idioma tivesse se mantido resistente no que tange ao uso idioma luso, buscando preservá-lo no país com a consciência de que isso poderia custar suas vidas. Nesse sentido, após o declínio das tropas indonésias, o medo de manejar o português ainda pairava sobre os nativos, propiciando que a língua se disseminasse de forma lenta e tardia no território timorense. Antes disso, porém, o idioma já havia firmado seu espaço na memória no país, devido à trajetória de mais de 400 anos no território.

Só na segunda metade do século XX é que se começou a vislumbrar uma preocupação do Estado português com a questão da escolarização e alfabetização em língua portuguesa em Timor. Em resultado disso, nos últimos anos de domínio português, havia apenas uma elite, em circuitos muito restritos, que falava português e uma geração de jovens que o tinham aprendido nos bancos da escola primária, geração essa a que não se seguiram outras devido à invasão militar de Timor-Leste pelas forças da vizinha Indonésia, contextualizada num período de instabilidade interna provocada pelo fim da administração portuguesa, em resultado do 25 de Abril de 74, em Portugal (ALMEIDA, 2008, p. 31).

Após o fim do período de ocupação indonésia, a língua portuguesa começou a reconquistar espaço e autonomia no país, por consenso entre os representantes de Timor-Leste, passando a ser considerada uma língua de prestígio, por ser oficial no território timorense e ser ensinada nas escolas e universidades. No entanto, o idioma encontrou obstáculos para que pudesse se reestruturar no meio educacional, porque grande parte da população havia sido escolarizada em língua indonésia. Convém lembrar que Timor percorreu uma longa trajetória até conquistar as primeiras universidades, que só começaram a surgir após 1986, ainda sob regime indonésio.

Além disso, o português não era uma língua utilizada frequentemente, função que sempre coube ao tétum e às demais línguas locais. Desse modo, inserir a língua portuguesa no meio acadêmico, após um longo período de restrição, não foi uma tarefa fácil pelo fato de os cidadãos estarem mais familiarizados com a língua indonésia, que, durante 24 anos, foi ensinada nas escolas e utilizada como base para o ensino universitário a partir da década de 1980. Além do mais, por não ser um idioma aprendido no berço familiar, isso que dificulta a compreensão e domínio dos indivíduos em relação ao português. Desse modo, pensar a língua portuguesa nas terras timorense é, sobretudo, pensar na história de um povo e os desafios de uma língua em um cenário plurilíngue. A Figura 1 ilustra alguns dos obstáculos enfrentados pela língua portuguesa no país:

Figura 1. Alguns obstáculos ao uso do português em Timor



Fonte: Elaboração própria

Mesmo diante desses obstáculos, a língua portuguesa manteve-se resistente, buscando suporte para que pudesse se reestruturar no meio educacional. Pinto (2010) aponta que, no período correspondente a janeiro de 2000 e julho de 2001, iniciou-se uma mobilização com o intuito de reintroduzir o português em Timor-Leste. Para que obtivesse êxito nessa tentativa, Portugal, país de relevância histórica para os timorenses devido à sua trajetória na ilha, apresentando a língua portuguesa de forma passiva, prontificou-se em auxiliar Timor no processo de reintrodução linguística diante da necessidade emergente de reestruturar tal idioma em razão da tentativa de apagamento pelo seu oponente indonésio. Diante disso,

Respondendo a esta necessidade, Portugal enviou inicialmente nove professores/formadores para Timor-Leste, no mês de Janeiro. Estes, foram especialmente escolhidos para formar e ensinar a Língua Portuguesa, a jovens licenciados, estudantes universitários e quadros Timorenses, de forma a estes poderem integrar a administração de Timor-Leste. A política do CNRT⁷, ligada à luta da Resistência, punha em relevo o idioma nos destinos de Timor-Leste (PINTO, 2010, p. 35).

O Brasil também se prontificou na luta pela reintrodução do português em Timor-Leste, enviando docentes para atuarem no cenário educacional do país. Desse modo, o governo aprova, no termo 1º dos artigos 115 e 116, a cooperação entre ambos países. O termo foi assinado em maio de 2002, mas só veio a ser aprovado em 19 de fevereiro de 2004 (TIMOR-LESTE, 2004). A partir desse momento, Timor estaria apto para receber docentes brasileiros de forma oficial. Esses profissionais tinham como objetivo formar novos docentes de língua portuguesa nas terras timorenses. Embora Timor tenha recebido apoio de Portugal e do Brasil, sabe-se que nenhum quadro linguístico é revertido de forma rápida, mas com constância e preparo. Contudo, tem-se que o número de profissionais aptos e qualificados para ensinar a língua portuguesa no território ainda era insuficiente, devido à demanda de 923.198⁸ habitantes.

Com isso, mesmo com o apoio advindo desses países lusófonos, a língua portuguesa permanece em uma situação delicada em Timor em razão da histórica defasagem no ensino do português. Como muitos jovens saem do ensino secundário sem o domínio do idioma, mesmo compreendendo sua relevância no território, alguns timorenses, após concluírem aquela etapa do ensino, dedicam-se a um curso de graduação em Língua portuguesa, por reconhecerem o papel e a funcionalidade do idioma no país e por se tratar de uma língua escolar e oficial naquelas terras.

Convém lembrar ainda que Timor, sendo uma nação em processo de desenvolvimento, dispõe de apenas uma universidade pública, a Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL), que contém a Faculdade de Ciências da Educação, onde se encontra o Departamento de Língua Portuguesa. Além disso, a UNTL possui Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa em nível *lato* e *stricto sensu*. Nesse sentido, por haver apenas uma universidade pública do país, conseqüentemente, há ampla concorrência para preenchimento das vagas no Departamento de Língua Portuguesa e no Programa de Pós-Graduação, ainda que Timor possua instituições privadas que ofertam curso superior de Língua Portuguesa, tais como a Universidade Oriental de Timor Lorosa'e (UNITAL) e o Instituto Superior Cristal (ISC).

Mesmo que Timor seja pertencente à Comunidade Lusófona e tenha universidades que ofertam a nível superior em Língua portuguesa, a situação do idioma lusitano no cenário universitário é delicada, porque, na prática, o português é vislumbrado como uma língua difícil e complexa, talvez por conta da aquisição como segunda língua. Brito e Bueno (2022, p. 168) mencionam três falas corriqueiras nos discursos dos timorenses: “a primeira é de que o português é difícil porque tem muitos verbos e preposições. A segunda crença é de que eles não sabem português e, por fim, há uma crença de que saber português é importante para o futuro”. Desse modo, é necessário buscar compreender o futuro da língua portuguesa nas terras timorenses, para que seja possível criar estratégias para sanar defasagens.

⁷ Conselho Nacional de Resistência Timorense.

⁸ Segundo dados do censo realizado em 2004, mas que só veio a ser publicado em 2006 (TIMOR-LESTE, 2006).

O futuro da língua portuguesa no seio universitário timorense

Entende-se por cenário universitário o espaço onde se espera que os indivíduos desenvolvam e aprimorem suas habilidades, competências e senso crítico, além de ser um ambiente para promover a especialização em determinada área do conhecimento, colaborando para o crescimento e o desenvolvimento do país. Nesse sentido, é importante levar em consideração que Timor é um país que dispõe de uma ampla variedade linguística⁹, mas, dentre tantas línguas do território, quatro delas se destacam. São elas: língua portuguesa e tétum, e inglês e língua indonésia. Eis a Figura 2, com as principais línguas de Timor-Leste:

Figura 2. As línguas oficiais e de trabalho de Timor-Leste



Fonte: Elaboração própria

Historicamente, a língua portuguesa percorreu uma longa trajetória no país até conquistar seu espaço de língua oficial, que veio a ser reservado em 2002, na atual Constituição do Timor. Nesse sentido, podem existir inquietações para tentar buscar compreender o futuro do português no cenário universitário de um país que enfrentou embates durante anos para que a língua se mantivesse nele presente, a ponto de se tornar uma das línguas oficiais, como é o caso do Timor-Leste.

Assim, a escolha do Português como língua oficial de Timor-Leste – idioma cujo ensino ficou proibido durante os anos da ocupação indonésia – é vista pelas próprias autoridades timorenses não apenas em função do grande enraizamento da herança histórico-cultural portuguesa, mas também (e sobretudo), por uma decisão político-estratégica de marcar a identidade nacional timorense diante da Indonésia e da Austrália e de ressaltar a sua especificidade no contexto regional do Sudoeste Asiático e Oceânia (BATORÉO, 2010, p. 59-60).

Segundo Fearon (1999), a identidade nacional está relacionada a um grupo de indivíduos que partilham o sentimento de pertença a determinado conteúdo ou aspecto social, razão pela qual os timorenses possuem o sentimento de que a língua portuguesa faz parte de sua identidade nacional. Mesmo tendo em vista que o idioma lusitano já se fazia presente por mais de 400 anos em Timor, possibilitando com que o português criasse raízes, não somente culturais, mas também linguísticas. O processo de reintrodução da língua portuguesa no território não foi aceito de forma satisfatória pela comunidade timorense, uma vez que os mais jovens consideravam o português como uma língua dos anciões, isso porque grande parte da população havia sido alfabetizada em língua indonésia, e o ensino nas universidades também era realizado na mesma língua.

O período de ocupação indonésia foi marcado por grande avanço no cenário educacional de Timor-Leste, criando redes de ensino que pudessem solidificar a língua indonésia no país, de modo que “a presença lusitana começava a ser apagada pelo novo colonizador, com a língua

⁹ Com mais de dezesseis línguas e uma variedade de dialetos (LAMIM-GUEDES, 2020).

portuguesa não seria diferente” (BRITO; BUENO, 2022, p. 152). Apagando (quase completamente) a presença linguística portuguesa na ilha, os indonésios inibiram a disseminação do idioma no país e, conseqüentemente, garantiram o sucesso de seu próprio regime por meio da formação de novos falantes e praticantes da língua indonésia nas terras timorenses, a começar pelo cenário educacional. Timor, portanto, é um país que enfrentou uma grande disputa linguística, tanto que,

Com o fim da ocupação indonésia, a luta começou imediatamente. A Austrália tinha não apenas o comando da força multinacional, a Interfet¹⁰, como o maior contingente de soldados e impôs o inglês como língua de trabalho para tudo. Com a chegada da Untaet¹¹, o processo se acelerou, já que o inglês é a principal língua de trabalho das Nações Unidas, o português nem consta da lista. Com as escolas destruídas, as crianças sem aula e os jovens sem nada para fazer, a Austrália enviou um forte contingente de professores de inglês, que davam aula até embaixo das árvores (FORGANES, 2002, p. 208).

Cabe lembrar que o inglês é uma língua mundial, devido à forte influência dos Estados Unidos, e Timor, por ser uma nação em processo de reconstrução, foi alvo de disputas, quando o inglês também se apresentou na tentativa de garantir seu espaço no território. Enquanto Portugal e Brasil se uniram para enviar alguns docentes a Timor-Leste para o ensino de língua portuguesa, a Austrália enviou um amplo grupo¹² de professores para ensinar a língua inglesa, não se restringindo somente às escolas e às universidades, mas buscando apresentar o inglês aos timorenses de forma atrativa, fora das salas de aula.

Desse modo, Timor demandou esforços para que obtivesse as primeiras universidades, que só começaram a surgir no território em 1986, ainda sob regime dos indonésios. Antes disso, a ausência de universidades no país significava uma desigualdade educacional em comparação a outros países, especialmente os desenvolvidos. Com isso, a intenção dos indonésios não era somente melhorar o cenário educacional de Timor-Leste para igualá-lo a outros países do globo, mas promover uma educação de modo que a língua indonésia pudesse ser disseminada de forma rápida. Com isso, é perceptível que não havia uma inquietação para um ensino voltado à língua portuguesa, porque, à época, o idioma havia sido proibido.

Partindo desse entendimento, reintroduzir o português no Ensino Superior significou a marca de um novo recomeço para o cenário universitário timorense, tendo em vista que ensinar o idioma lusitano em Timor é uma tarefa que requer esforços, porque há “diferenças tipológicas entre a Língua Portuguesa e as línguas timorenses tanto ao nível do funcionamento do próprio sistema – sendo a primeira destas línguas flexional e as outras aglutinantes” (BATORÉO, 2010, p. 61). À guisa de exemplo, Batoréo (2010) destaca que, em tétum, não existe o verbo ser, tornando-se complexo ensinar aos discentes a existência desse verbo em língua portuguesa.

Diante da diversidade linguística do país, é de se esperar que haja problemas em relação ao manejo da língua portuguesa. Além do mais, Brito e Bueno (2022, p. 159) salientam que “que as aulas de língua portuguesa se restringiam a um encontro semanal, de uma hora e meia, em turmas que ultrapassavam facilmente os sessenta estudantes em sala de aula”, o que é considerado insuficiente para ensinar a disciplina, tendo em vista suas várias ramificações. Outro fator que possivelmente compromete o ensino de língua portuguesa no cenário universitário é a timidez dos alunos. Os docentes explicam os conteúdos, mas os discentes, por vergonha, levam suas dúvidas para casa e carregam questões que não são respondidas, porque as perguntas não são realizadas (BRITO; BUENO, 2022).

A reintrodução da língua portuguesa no ensino superior no território timorense ocorreu após a oficialização do idioma no país. Antes disso, apenas um seleto grupo a dominava a língua, tanto em sua modalidade falada quanto escrita. Buscando êxito, Timor encontrou apoio nos países-membros da CPLP, como é o caso do Brasil e de Portugal, os quais enviaram docentes a Timor, para

¹⁰ Força Multinacional para o Timor-Leste.

¹¹ Administração de Transição das Nações Unidas para o Timor-Leste.

¹² Não se sabe ao certo quantos docentes foram enviados as terras timorenses para ensinar a língua inglesa.

que se pudesse reestruturar o idioma no contexto acadêmico e, conseqüentemente, influenciar os demais setores educacionais do país. Desse modo,

Os sentidos produzidos em relação ao ensino por meio da LP nas diversas áreas motivam os sujeitos a reconhecerem o uso dessa língua como um dos principais desafios no âmbito educacional no ensino superior em Timor-Leste. O desenvolvimento da LP como língua de ensino criou certa urgência no aprendizado do português. Em vista disso, em alguns espaços educativos, historicamente apropriados por cooperações educacionais, tem se investido no ensino do português instrumental visando à requerida proficiência na língua (TODESCATTO; SCARTEZINI; CUNHA, 2015, p. 182).

Ensinar o português nas terras timorenses, principalmente no que tange ao cenário universitário, vai além de questões linguísticas, uma vez que a “educação é um componente importante do bem-estar e é usado na medida de desenvolvimento econômico e qualidade de vida, que é um fator fundamental para determinar se é um país desenvolvido, em desenvolvimento ou subdesenvolvido” (TORRES, 2019, p. 85). Desse modo, a escolarização dos cidadãos e o manejo do idioma oficial refletem características relevantes sobre o país, de modo que são necessários profissionais aptos e qualificados para ensiná-lo. Porém, de acordo com Batoréo (2010, p. 62), “os agentes deste processo não se encontram devidamente preparados nem equipados para tal, dado que desconhecem tanto as línguas como as culturas, os costumes e as realidades locais, pecando pela sobrançeria e eurocentrismo”. Enquanto os profissionais atuantes não estiverem aptos o suficiente, haverá uma escassez da língua portuguesa no país.

Desse modo, a defasagem no ensino de língua portuguesa no país não é um fator ocasionado pelos timorenses, mas tem uma relação com a trajetória do idioma lusitano no país e as marcas de um período em que se manteve “adormecido”, tanto que “a língua portuguesa é, portanto, tratada como um dos símbolos da resistência ao domínio indonésio, uma das marcas identitárias do timorense” (BRITO; BUENO, 2022, p. 152), tornando-se oficial no país após a Restauração da Independência, em 20 de maio de 2002.

A partir dessa data, a língua portuguesa, assumindo seu papel de língua de instrução, começa sua fase de reintrodução na escola. No entanto, por causa da falta de recursos humanos para cumprir a meta ousada do governo, ou seja, a partir de 2012 todas as disciplinas de todos os cursos da universidade deveriam ser ministradas em língua portuguesa, o país passou a contar com a ajuda internacional, principalmente de Portugal e do Brasil. (ROSALEN; SOUZA; CANARIN, 2015, p. 73)

Com isso, houve uma lacuna no ensino de língua portuguesa. Depois disso, a língua portuguesa foi aos poucos se estruturando no território e conquistando seu espaço de língua oficial e escolar. Embora o ensino do idioma ainda deixe a desejar em alguns aspectos, a inserção no cenário universitário, pelo que se entende da citação de Rosalen, Souza e Canarin (2015), teria a pretensão de preencher as lacunas deixadas no ensino secundário, promovendo, dessa forma, a proficiência dos nativos em relação ao idioma no território timorense. Para isso, o país vem promovendo eventos visando à internacionalização do português em Timor-Leste. A UNTL promoveu recentemente¹³ um evento sobre a língua portuguesa, em comemoração ao Dia Mundial da Língua Portuguesa. Eis a Figura 3:

13 No dia 05 de maio de 2022.

Figura 3. Evento em comemoração ao Dia Mundial da Língua Portuguesa



Fonte: Universidade Nacional Timor Lorosa'e (2022). Disponível em: <https://untl.edu.tl/>. Acesso em: 5 jun. 2022.

O registro do evento, realizado na Faculdade de Ciências da Educação, foi feito na página oficial da UNTL, ressaltando a relevância da promoção da língua portuguesa no cenário universitário. Nesse sentido, seria incoerente dizer que o português não está progredindo no seio universitário, porque os jovens têm demonstrado cada vez mais interesse em aprender o idioma (BRITO; BUENO, 2022). No entanto, os avanços da língua portuguesa nas terras timorenses vêm ocorrendo de forma lenta, o que possibilita que o inglês venha a se desenvolver no país, além do fato de

Algumas dificuldades específicas parecem permanecer na variedade da língua portuguesa que se concretiza em Timor-Leste, quando temos por parâmetros as normas brasileira ou portuguesa. Por exemplo, a ausência de preposições e de marcas de concordância nominal, troca de letras, ausência de elementos coesivos, entre outros, foram algumas marcas diferenciais encontradas na escrita dos estudantes universitários timorenses (BRITO; BUENO, 2022, p. 159).

Em publicação um pouco anterior, Lamim-Guedes (2020) relata sua experiência e a de outros professores brasileiros nas terras timorenses no início da reintrodução do português no país, apontando que, durante esse processo, os docentes não eram compreendidos em língua portuguesa no departamento de ciências exatas da UNTL, optando, muitas vezes, pelo ensino em inglês. Embora a pronúncia de algumas palavras fosse diferente, os docentes eram mais compreendidos em inglês do que em língua portuguesa. A questão do ensino ocasionou “uma grande polêmica no Timor, com acusações de interferência internacional, sobretudo australiana, já que a ex-primeira-dama, supostamente, teria interesse em enfraquecer o ensino de língua portuguesa no país” (LAMIM-GUEDES, 2020, p. 85) para que o inglês viesse se sobrepor.

Diante disso, se os docentes estrangeiros que estavam em Timor na tentativa de solidificar o idioma utilizavam outras línguas, como o inglês e a língua indonésia, visando à compreensão dos discentes, era de se esperar que a língua portuguesa seria um idioma com muitas lacunas a serem preenchidas. Isso porque Timor é um país plurilíngue, e a língua portuguesa, embora oficial, é mais um idioma no país, utilizado nas escolas, em ocasiões formais e documentos oficiais. Além disso, alguns docentes não dominam o português com maestria, e a universidade¹⁴ detém pouco acervo bibliográfico nessa língua. Grande parte dos materiais encontram-se redigidos nas línguas de trabalho, inglês e língua indonésia (TODESCATTO; SCARTEZINI; CUNHA, 2015).

14 Universidade Nacional Timor Lorosa'e.

Os professores e linguistas estrangeiros, que atuam em Timor Leste, possuem uma ideologia subjacente a seus respectivos trabalhos, o que compromete a atividade de ensino-aprendizagem. Tais ideologias, às vezes até declarada abertamente, são também impostas aos alunos, ou 'vendidas' como produtos ou fórmulas mágicas para seduzir os alunos leste-timorenses. Isso acontece constantemente nas instituições do país, onde funcionários das organizações governamentais e não governamentais atuam e muitas vezes fazem uma propaganda contra a língua portuguesa, ou a favor da língua inglesa, apresentando-a como uma solução imediata para os problemas o que a torna sedutora (ALBUQUERQUE, 2010, p. 35).

Nesse sentido, o futuro da língua portuguesa no seio universitário depende, sobretudo, do futuro no país e de políticas destinadas à disseminação de tal idioma no ambiente educacional. E o futuro a que se faz alusão depende do investimento em educação linguística e da inserção/incorporação de profissionais aptos na área. Para isso, é preciso pensar a língua portuguesa como uma língua oficial e identitária, tendo em vista que seu ensino no cenário universitário visa a preparar os discentes para uma participação cidadã e social e para o mercado de trabalho, além de reforçar a identidade nacional dos timorenses e fixar uma relação possível com os demais países-membros da CPLP.

Considerações Finais

Nesta pesquisa, tratou-se do ensino de língua portuguesa no cenário universitário timorense, de modo que se pudesse percorrer brevemente a trajetória do idioma lusitano no Ensino Secundário para, em seguida, verificar como o ensino de língua portuguesa no âmbito universitário contribui para a formação identitária dos estudantes timorenses. A hipótese levantada foi que as lacunas presentes no ensino de língua portuguesa em âmbito universitário seria uma consequência de possíveis defasagens deixadas no ensino secundário, o que foi confirmado por meio da pesquisa realizada.

Aos poucos, notou-se a trajetória da língua portuguesa no seio universitário em Timor e o seu percurso de reintrodução no país, considerando este um desafio para a nação timorense, tendo em vista que o idioma português se manteve adormecido por um período de 24 anos, através de embates com o regime opressor indonésio. Diante disso, a população jovem do país criou uma certa resistência quanto ao ensino em e da língua portuguesa, isso porque a língua indonésia lhe havia sido apresentada como língua escolar e acadêmica, criando uma ampla rede de ensino, de modo que pudesse se tornar também um elemento identitário para os timorenses. No entanto, a língua portuguesa já se encontrava na memória dos mais antigos, sendo considerada uma pertença identitária daqueles que vivenciaram um período de grande opressão.

A partir dos dados reunidos, foi possível observar que ocorreu uma defasagem no ensino de língua portuguesa no nível secundário, por falta de materiais de apoio no idioma luso e qualificação dos profissionais, além da resistência dos próprios discentes em aprenderem o português. Mesmo encontrando apoio dos países-membros da CPLP no processo de reintrodução da língua portuguesa, a exemplo de Portugal e Brasil, a situação do português no cenário universitário é delicada, porque o idioma é considerado uma língua complexa no país, quando comparada às demais línguas locais, por possuir muitas conjugações verbais, além de ser uma língua flexional, o que colabora para a substituição do idioma pelo inglês em determinadas situações, visando à melhor compreensão dos discentes.

Assim sendo, é preciso pensar em medidas emergentes para reverter o quadro da língua portuguesa em Timor-Leste, uma vez que o idioma vem avançando de forma lenta no país e cedendo espaço para o inglês, considerado de mais fácil de compreensão, e devido à forte influência da Austrália no período da Independência de Timor-Leste. Diante dos dados catalogados, sugerem-se pesquisas futuras sobre a língua portuguesa no cenário universitário timorense a serem aplicadas aos discentes dos curso superior da UNTL, em Timor.

Referências

ALBUQUERQUE, D. B. O ensino de língua portuguesa em Timor Leste: variedades e dificuldades. **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, [S.l.], v. 12, n. 5, p. 31-47, 2010. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1205>. Acesso em: 17 jun. 2022.

ALMEIDA, N. C. H. **Língua portuguesa em Timor-Leste: ensino e cidadania**. 160 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa) - Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de Língua e Cultura Portuguesa. Lisboa, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/479>. Acesso em: 2 jun. 2022.

BATORÉO, H. J. Ensinar português no enquadramento poliglóstico de Timor-Leste. *In: II Congresso Internacional da AILP Língua Portuguesa: Identidade, Difusão e Variabilidade*, 37, p. 55-65, 2010. Mesa redonda: situação do português na Ásia. Rio de Janeiro: Palavras, 2010. Disponível em: https://catedraportugues.uem.mz/storage/app/media/docs/bib_timor/Batoreo_2010_Palavras.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

BRITO, R. H. P.; BUENO, A. M. Ensinar português em Timor-Leste: relatos e reflexões. **Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa**, n. 62, p. 150-173, 2022. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8320180>. Acesso em: 23 jun. 2022.

CABECINHAS, R.; LIMA, M.E.O.; CHAVES, A.M. Identidades nacionais e memória social: hegemonia e polémica nas representações sociais da história. *In: MIRANDA, J.; JOÃO, M. I. (Eds.). Identidades Nacionais em Debate*. Oeiras: Celta, 2006. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6165>. Acesso em: 28 maio 2022.

FEARON, J. D. What is identity (as we now use the word)? California: Stanford University, 1999. Disponível em: <http://www.stanford.edu/~jfearon/papers/iden1v2.pdf>. Acesso em: 20 maio 2022.

FERREIRA, A. Língua portuguesa como marca distintiva: uma escola de identidade timorense na ocupação indonésia. **Educação e Pesquisa**, v. 47, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/9QbZDdPxS7xTSvFmdgxjncb/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

FORGANES, R. **Queimado queimado, mas agora nosso!**: Timor: das cinzas à liberdade. São Paulo: Labortexto Editorial, 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicação e trabalhos científicos**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LAMIM-GUEDES, V. Políticas Educacionais timorenses, cooperação e lusofonia. *In: LAMIM-GUEDES, V.; ROSA, C. G. (Orgs.). Alin-Mane: lusofonia e cooperação na área educacional em Timor-Leste*. São Paulo: Editora Na Raiz, 2020.

ROSALEN, E.; SOUZA, I.; CANARIN, R. T. Língua portuguesa em Timor-Leste: como se ensina e como se aprende. *In: GUEDES, M. D. et al. (Orgs.). Professores sem fronteiras: pesquisas e práticas pedagógicas*. Florianópolis: NUP/UFSC, 2015. Disponível em: <https://dicite.paginas.ufsc.br/files/2016/08/PROFESSORES-SEM-FRONTEIRAS.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2022.

SILVA, A. B. Educação e desafios em Timor-Leste pós-colonial. *In: GUEDES, M. D. et al. (Orgs.). Professores sem fronteiras: pesquisas e práticas pedagógicas*. Florianópolis: NUP/UFSC, 2015. Disponível em: <https://dicite.paginas.ufsc.br/files/2016/08/PROFESSORES-SEM-FRONTEIRAS.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2022.

SOARES, L. Qual o papel da língua portuguesa na política educativa em Timor Leste? *In*: **COOPEDU - Congresso Portugal e os PALOP Cooperação na Área da Educação**, p. 95-102, 2011. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/2993>. Acesso em: 19 jun. 2022.

PAULINO, V. Cultura e Múltiplas identidades linguística em Timor-Leste. *In*: CORREIA, A. M.; SOUSA, I. C. (Orgs.). **Lusofonia encruzilhas culturais**. Macau: Saint Joseph Academic Press, 2011. Disponível em: http://repositorio.untl.edu.tl/bitstream/123456789/184/1/Cultura_e_Multiplas_identidades_linguist.pdf. Acesso em: 10 jun. 2022.

PINTO, F. I. C. **A percepção da língua portuguesa por estudantes timorenses do ensino superior português**. 83 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade Nova de Lisboa, Especialização em Educação, Comunicação e Linguagem. Lisboa, 2010. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/4820/1/tese%20final.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2022.

TIMOR-LESTE. **Ministério da Justiça. Cooperação educacional entre República Democrática de Timor-Leste a República Federativa do Brasil**. Timor-Leste, 2004. Disponível em: http://www.mj.gov.tl/jornal/public/docs/2002_2005/resolucao_governo/5_2004.pdf. Acesso em: 7 set. 2022.

TIMOR-LESTE. **Census of Population and Housing 2004**. Timor-Leste, 2006. Disponível em: https://www.statistics.gov.tl/wp-content/uploads/2013/12/ATLAS_20English.pdf. Acesso em: 18 set. 2022.

TIMOR-LESTE. **Censo Timor-Leste em números**, 2019. Disponível em: <https://www.statistics.gov.tl/wp-content/uploads/2021/05/Timor-Leste-In-Number-2019.pdf%20>. Acesso em: 21 jun. 2022.

TODESCATTO, C.; SCARTEZINI, R. A.; CUNHA, F. S. R. A cooperação educacional brasileira no ensino superior do Timor-Leste. *In*: GUEDES, M. D. *et al.* (Orgs.). **Professores sem fronteiras: pesquisas e práticas pedagógicas**. Florianópolis: NUP/UFSC, 2015. Disponível em: <https://dicite.paginas.ufsc.br/files/2016/08/PROFESSORES-SEM-FRONTEIRAS.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2022.

TORRES, S. A. S. F. **Mar de Timor: mediação do Timor com a Austrália**. 168 f. Tese (Doutorado Interinstitucional em Ciência Política) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/197112>. Acesso em: 29 jun. 2022.

UNIVERSIDADE NACIONAL TIMOR LOROSA'E (UNTL). Disponível em: <https://untl.edu.tl/>. Acesso em: 5 jun. 2022.

Recebido em 15 de abril de 2022.

Aceito em 17 de outubro de 2022.

